

Antonio Fabrício da Silva
vibra 18/3/925

tríptico



4

Desenho de Diogo de Macedo

O PRANTO DAS RESES BRAVAS

Tôu, tôu .. Tch... Eh cão!

O Chórica gritava junto à parede do mato, fazia um sol de fogo e até as lages escaldavam. Meio dia. Debruçado, o pastor suava em bica e punha a mão no sobrôlho: calça grosseira com vira, pé rapado, e o branco camisa com as letras do nome bordadas. Esteve um bocado a pesquisar, por entre as faias verdes; disse outra vez: — *Eh cão!* — e duma clareira surgiu um

cachorro ofegante, com babas à ilharga da bôca. Tinha o pêlo a modo côr-de-rato, com várias partes mais claras, fazendo um redoço à lombeira. Corpanzil de vulto, o dêle era animado e retorcido ao estiacar, voluptuoso na finta das sonecas, junto às soletas das portas, quando, fincado nas patas traseiras, espreguiçava as da frente, abrindo os dedos. Cortaram-lhe as orelhas, em piqueno, num banco de carpinteiro, como quem adelgaça uma trâmela; o rabo ficou num fôco que o arreliaava com a môsca. Assim, se a varejeira lhe ferrava o estilete na anca, êle inclinava a cabeça, arreganhava as beicanas, e o dente coçando era mais alvo do que cal, ou que fatias de pão de milho, novo e tenro. As patas eram sólidas e brancas, porisso o chamavam *Calçado*; e o ôlho, nem milho torrado, olhava macio e amigo, com duas borbulhas de ramela.

Saltou duma moita de silva que tinha cachos de amoras, entre lenha cortada, e veio aos galões, pulou mexendo um ligadoiro e fez melguices ao dono. Chórica tomou o bordão que estava ao lado, e pôs-se a caminho.

No dia seguinte havia uma tourada nas Lages, com os cornúpetos amarrados à corda pelo cachaço ou pela armadura, e êle ia apartá-los à Criação do Meio. Servia há doze anos o sr. José Francisco Airora, como pastor da rapa, e desde pequeno lidava com o gado bravo da Matela, cercava as vacas-mestras com pedradas e enxotava as crias abanando os braços:

— « Ei-uê! Chicou, bezerro! »

A tourada acertara-se quando da outra corrida, à noite, numa venda. Tinha mesmo acabado de estalejar um bombão, recolhido o último bicho, quando, da mancheia de gente que bebia, ao balcão, vinho novo, o Felipe levantou a tigela, que ia emborcando, e com o ôlho esgaseado berrou à bela sociedade:

— Temos que dar mas é outra!

— E pra já! — esforquilhou o Verdoço, que não estava tão bêbedo. Queria metê-los à bulha.

Sem ser o Felipe, estava o Trabona e o José Luís da Canada, todos destombados para se encabeçarem em qualquer uma coisa. O ponto era terem dois dedos de gramática. Mas o Silva do *char-à-bancs*, mais sorrateiro e velhaco, pôs logo as suas dúvidas, com manha:

— Vocemecês não prestam pra nada. Dou o pescoço ao talho se daqui sai coisa com coisa.

O Felipe ia-se engasgando, com o focinho a pingar:

— Aqui é que se quer ver quem são os homens. Cá por mim dou dois toiros e o dinheiro para a licença.

— E eu dou um — disse o Trabona.

O José Luís dava o quarto. Jantar para os pastores, isso ficava ao cuidado do sr. Coelho, como era costume.

O Verdoço perguntou:

— E para quando?

Respondeu o Felipe, que para domingo. E, mal se tendo em pé, pediu ao João da venda três roqueiras, fez lume na isca de algodão e gritou, correndo à porta:

— Eh rapazes, vá fogo pró ar! Viva o povo das Lages!

Gente de fora chegava aos degraus que havia em frente da venda, perguntava o que era, e uns aos outros passavam senha foliona:

— Toiros, domingo, rapazes!

Destacou-se logo uma mordomia para o touril, aonde estava o Airora. Ia o Felipe, o Trabona e o José Luís. E combinou-se que viriam quatro guechos, não esquecendo o *Brôco*.

De calça branca e grilhão de ouro, *panamá* largo à fadista, o sr. Airora praticou com o Papinha uma lasca. E o Chico Tromba, capenga, que estivera no Brasil e sabia jogar a capoeira, ameaçou o Felipe em ar de graça:

— Se isso ficar em água de bacalhau, tens chocalhada à porta. Tã certo...

Quando falhava uma boiada, com efeito, era costume ajuntar gente, pegar nos chocalhos das reses com coleiras, e em magote correr as canadas, vaiando, à imitação dos pastores trazendo o curro ao touril:

— Ei-uê... Chicô! Brelão, brelão, brelão!

Do mato de faias, onde o Chórica roçava as silvas da cozedura, ia-se à Ribeira Sêca de Cima pelas Canadas. Êle foi. O sol abrasava. Ao pé da igreja, na venda do Fura-Olho, matou o bicho com vinho e seguiu. Tinha de tomar a estrada do Carvão, para lá da Carvalha, passar a Grotta do Mêdo tôda verdosa de ervas e virar ao cabo de riba. Assim fez. O cão ia após êle num trotezinho, mas às vezes ficava para trás muito tempo, dando-lhe cheiro a caça, ou alçando a perna a uma parede, a aguaya, logo se pondo a galope para ganhar caminho. Passaram a vila para cima, e numa ladeira, como fôsse puxante, o Chórica pôs-se a andar mais pausado, o cão

tomou-lhe a dianteira. Considerou-o. Há tempos, o sr. José Joaquim falara-lhe em chegar o *Calçado* a uma cadela malhada, prometendo uma libra e um cachorro; mas como o bicho, em verdade, era de boa estampa e sem parelha por li, Chórica fez-se grave, bailou a cabeça e mudou de conversa. Ficavam em « vê-lo-hemos ». Agora, alisando a fôlha de milho para a tocha de tabaco, depois de passá-la entre os beiços, moeu com a mão direita o picado sôbre a esquerda, olhou melhor para o cão: estava velho e troquilha. Embora fôsse pé-leve, tinha já calos no assento e enrijecia de ouvido. Depois, em querendo, — molengão. Dava-lhe às vezes uma tosse feia, alongando o gasnete, ou apanhando orvalho sentia dores de barriga, buscava mêzinha nas relvas. É verdade que ainda era esperto no mato e muito arteiro no açougue, aos sábados, quando o Mudo atirava ossos e suãs à canzoada. Então saía de casa cêdo, corria as ruas da vila arrebanhando outros cães, e, mal amanhecia Deus com a sua graça, rondava a porta do açougue, por baixo do sr. Eduardo. Nesses lances, à disputa de matacoses e de tripas, unhas de vaca e olhos, êle dominava a matilha engalfinhando-se bravo, com a beicana aos tremeliques, mostrando os dentes — sarilho tamanho, às vezes, enriquecimento tão bruto, que nem a pau ou correia se dava quinau de apartá-lo, ouriçadíssimo de raiva. Até um dia (há que tempos!) o José da Amália atirara-lhe de regeitada um serrote:

— Passa d'í, alma do diabo!

Alejara-o, e êle partiu a ganir, perna ao ar, como quem joga ao *homem*. Mas, tirado aquele costume metediço, poucos pitafes tinha. É verdade: — dera-lhe em tempos para beber os ovos da postura da galinha carapuçada, mas apanhou uma novena de pau que até se viu azul e não tornou ao poleiro. Também não *pegava* sem razão. Mas em o atijando — ssuc... ssuc... — desabalava como um raio, e ai das canelas topadas! Emfim, bom animal, mas velhote. Mal se precatasse o Chórica, morria com alguma tamburra do bucho, esperneando; e porisso o pastor (que tinha acendido o cigarro e ageitava a cinza com o polegar direito) decidiu levá-lo no dia seguinte à vila, ao sr. José Joaquim. Botava os seus calculos: a cadela devia estar saída, com a lua. Era a *Catita*. Pertencia a uma estirpe clara de perdigueiros e de *Setters*, tinha mesmo dois terras-novas na família, e um avô envelhecera porteiro, pachorrento e gordo, já capado. Ninguém por li de roda sustentava mais cães do que o sr. José Joaquim, apontador das Obras Públicas, que sabia remédios para cavalos empachados e burros com esparvão. Mas misturava as raças ao calhar, no seu curral repleto de gamelas, onde a Mariana Pelingrina lançava fareladas e água fresca do tanque, de manhã, com uma saia vermelha. Chega, não chega à Carvalha, o Chórica, que era Manuel, da pia, e afilhado do sr. João Mendes, entrou em casa, — uma casinha baixa à borda do caminho, com barras roxo-rei. Era num descampado mas calhara-lhe ali, por ser ao pé dos pastos, aonde ao lusco fusco ia ordenhar as vacas. Meteu alguma coisa na bôca e seguiu. Já o esperavam, na Criação, o filho do Xaviel, o Chico Trangola e o Garrancho. Todos de camisa e largos chapéus de Braga com forros côr-de-rosa, encieirados, vieram à estrada com os bordões de castanho e as jaquetas ao ombro.

— Toca, Manuel! Já encurralámos o *Fusco* mas a *Briosa* ainda não. Anda ronqueira, o estupor!

Isto disse o Xaviel, e Chico Trangola apoiou:

— Suámos bagada de água! E agora vamos às sopas, Garrancho. Dá-me uma afoçada nesse pão.

Assentaram-se os três numa machuca de erva humedecida. O Teotónio do Landeira, um pisco de gente, trouxera os jantares num cesto, debaixo dum pano de lã. Tiraram a terrina, que sem a tampa expediou um fumo rescendente a couves com batatas, cheia de suor nas paredes. Em pratos de barro havia chicharros fritos. Comeram.

— Provas uma migalha, Chórica? — convidou o Garrancho, metendo a navalha a um pão quente.

— Não quero; também comi peixe sêco.

Então falaram do gado. Uma vez que o *Fusco* estava a laço, restava cercar o *Broco*, mais o *Roseiro* e o *Picardo*.

— Home, o *Broco* não! — ressalvou Chico Trangola. — O patrão quere-o folgado.

O Chórica explicou que as Lages exigiam o *Broco*; davam até mais dinheiro:

— O Felipe é que é o encabeçado.

— Bela bisca! — arrematou o Garrancho.

Mas bom como bom para a pândega. Chico Trangola falou — « não sei se vocês se lembram... » — daquela tarde, pelo Bodo, em que o Felipe embebedara todos e dera uma pataca a cada um.

— Há dois anos.

Chórica confirmou:

— Tal e qual! Isso foi dar-lhe para baixo. Das primeiras coisas! O Chico perdeu uma embola amarela, até por sinal...

— Isso sei eu! Custou-me quinze tostões, em casa do sr. José Lourenço, na cidade; que tive de pôr outra nova. E o patrão nunca o soube.

Emquanto o Teotónio arrumava a loiça e dava os restos aos cães, os pastores tiraram cigarros das orelhas e fizeram fogo.

FALA DO CIPRESTE

Eu vivo, à luz do luar, nos êrmos cemitérios,
Cercado de fantasmas e mistérios...
A minha sombra cai, tão fria como a neve,
Sôbre marmóreas cruces,
E abraça os êrmos túmulos sombrios,
Onde, em noites de outono, esvoaçam luzes
Chiméricas, bailando ao zéfiro mais leve...
E sinto negros mêdos e arrepios!
Ouço em volta de mim, rezas, soluços, ais...
Não sei que sentimento me deslumbra
E me dispersa em fôrmas espetraes...
Sou a nocturna voz do esquecimento,
Um grande esbôço humano em tintas de penumbra!
Gesticulando, ao vento...

TEIXEIRA DE PASCOAES

CANÇÃO DA NOITE

Vai o céu chegado à terra
Não há voz que se contenha...
a sombra, à noite, na terra,
pesa mais que uma montanha!

Voz erguida, voz perdida;
Deus do céu que já morreu!
— P'ra valer à minha vida
não há ninguém senão eu!

Scismas de dor, scismador
vida d'Além que te importa?
— Olha os que falam d'amor
Sentados à sua porta.

Sete partidos do mundo,
terra firme, ondas do mar...
Tenho alma de vagabundo,
onde é que irei acabar?!

Ó bruchas fechando roda,
cinza bulindo o que vale!?
— Calai-vos que me arrependo,
não quero esperar bem nem mal.

Meu amor ao desengano,
cheia da graça mais bela...
Todos os meses do ano
levo-os de scismas com ela.

Cerra-se a noite cerrada.
Ai que vida a minha vida!
— Náu na tormenta abalada
que vais de róta perdida!

Terra e céus comigo juntos...
Não há bôca que se cale.
Choram-me os olhos, pergunto:
Mas de que é que isto me vale?

BRANQUINHO DA FONSECA

EIS-ME...

Eis-me sósinho, ante a minha alma acêsa,
No silêncio da noite alumando
A terra comovida de tristeza,
Que os meus passos cansados vão trilhando.
Eis-me sósinho a murmurar a reza,
No ar, que vão meus gestos modelando,
Desta melâncolia portuguesa,
Que em marinhas canções vai ecoando.
Eis-me sósinho entre os espectros pardos,
Como Põe crispando de ansiedade
As mãos, que, pela sombra, arranham cardos!
Eis-me sósinho entre o Inferno e o Céu;
Eis-me sósinho como uma Saüdade
A' procura dum bem que já morreu!...

ANTÓNIO DE SOUSA

CANTO DO CISNE

Oh! trágica fundura do meu peito
Onde crepita um fogo de ternura
A erguer-se a Deus! Etérea creatura
Que animas de luar meu sonho eleito!
Chama de Céu e inferno que tortura
Teu vulto de anjo, anímico e perfeito,
Neste incêndio de amor que traz desfeito
Meu triste vulto, irmão da noite escura.
O Verbo se fez carne, de maneira
Que o Verbo se fará em pedra fria,
A minha voz se tornará Saüdade...
E ao derredor verás a vez primeira
O éco do meu canto à ventania,
Beijar-te o rosto em ondas de piedade!

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA

CORAÇÕES DE ABRAÇOS

AO AFONSO DUARTE

Quem é o pintor? Quem é? Quem é o pintor
Que vem pintar de noite as minhas uvas?
— Seja quem for, (que tem!) Seja quem for,
Vive ao nutrir das luzes e das chuvas.

E como pinta? E como arranja a cor
Dos Alicantes? Cabecinhas ruivas!
Das malvasias? — Cachos d'água em flor
E a dos Bastardos? — lágrimas viúvas.

E as videiras?! Como elas são as mães,
Num estado de graça e parabens,
Em longos, cristianísimos serões!

São as mães com seu fruto nos regaços,
E choram, — e desfazem-se em abraços,
Que a gente sabe dar em corações.

ANTÃO DE MORAIS GOMES

Capítulo duma História por Imagens

Esta palmeira aparece-me com uma origem estranha. Devia ter sido, inicialmente, engendrada para corpo de mulher; por um capricho bizarro não lhe puzeram cabeça, mas em desconto e no lugar dela nasceram braços, floriram braços, arremessados em trajetória parabólica, braços que sentem, vibram como um cérebro feminino delirado.

E de agasalho teceram-lhe à volta do corpo um colar de penugem fibrosa, penteada em madeixas. Tudo nela me atrai, mas os braços mais que tudo. Braços que lembram tranças verdes duma sereia decapitada, braços tão sedutores e prevertidos que do acto completo de abraçar só fixaram o primeiro momento: o geito de abrir os braços... Surgem como jactos dum repuxo verde que pelo caminho se desfibrasse em mil scentelhas verdes; e quando o vento, neste instante, lhes bate furioso, lembram-me linguas a falar do que não sabem... Mas assim que o vento lhes dá logo falam. E toda a palmeira estremece, torce-se, enrosca-se em furia sobre si, alonga os dedos quasi ridiculos de sensibilidade exagerada, varre com eles o chão e vergasta depois o corpo, acariciando-se. A terra em volta estremece com a palpitância das raises e, extinta a rabanada palradora, petrificados os ramos, as folhitas mais novas, as mais doidas, ficam estonteadas da orgia, ainda trémulas, não sei se com desejo de chamar o vento a novo bailo, se de compor o cabelo esfarripado... Da minha cova, onde moro, vejo tudo isto e entendo-nos. A sua história liga-se á minha como o anel ao dedo que o sustenta. Nas manhãs muito claras, quando abro o postigo e os meus olhos quasi pestanejam sobre a terra húmida, um fumosinho de cigarro paira e ondula como ideia tenaz á flor dum cerebro exausto. Em volta, as quatro paredes, alvas, brutais, com janelas olhando sobre este poço; cá no fundo, o que existe no fundo de tudo: a lama, terra amassada, tanto pode ser com o sangue dos meus que eram pedreiros, como com a agua das chuvas que, morando para o lado das estrelas, outro destino não tem senão cair na terra e fazer lôdo. A's vezes dele nascem flores, certas só nele se dão; mas esta leiva amontoada até á altura dos meus olhos, nunca deu, que eu saiba, mais que um triste gaipo de ortiga. Dirão: há ainda a palmeira. Mas essa, estou certo, não vem nem vive da lama. Ha mais, ha ainda mais, ha a minha dor e o mar cinzento que me bate de encontro ao craneo, mas não o quero mostrar por hora...

E ha ainda que em certas noites, quando as nuvens se apagaram da folha celeste, uma lua muito polida rebola pelo telhado e espreita cá para baixo, para este poço onde jaz a palmeira, chora a minha vizinha e eu vivo enterrado á espera da morte. Suspende-se um momento com a cara chegada ás telhas do beiral, por cima da trapeira, debruça-se e olha... No fundo, inquietos, todos esperamos. Então, alonga sobre as bicas de barro a face corroida e das entranhas da cisterna tudo o que vive se finca melhor na terra para olhar o

ceu: a palmeira arqueja os braços, como quem enche o peito de ar para crescer; eu resurjo meio corpo e sento-me no traço do postigo, a creadita, a vizinha alonga pela trapeira o busto encharcado em algodão azul, espantada que uma lua que passeou campos de milho em flor tenha a bondade de vir olhar o abismo onde jazem tres creaturas. E só quando a madama, mirado bem o poço e a sua fauna, se desprende do telhado para o espaço e atravessa aquela nesga de ceu em esmalte como presa por um barbante, tal a Estrêla nos mistérios do Natal, só então é que a minha vizinha da trapeira alegre o rosto, abre os olhos para a chapa exótica cravada num fundo transparente e fica bem quieta, estática, a olhar até que a lua, presa do barbante, salve o abismo onde vivemos. Uma chaminé desprende até nós a sua alma e manda a sombra escorregar pelas paredes, rastejar pelo chão, lambar a pedra do meu postigo e, conforme a lua vai andando, sóbe, sóbe, para de novo se lhe meter no corpo, quando a lua se sumiu. Como certas bocas, esta chaminé só produz fumo e escuridão e só por isso se nota; e é por isso que lhe não entendo o interesse duma cova onde vivem a creada, eu e a palmeira. Deu-se isto em muitas noites. E era à noite que eu olhava para mim e me sentia mais homem. Não precisava desabotoar o casaco para ouvir sob os dedos o coração; da minha vida passada tudo era claro e aborrecido, informe como gota de azeite num rio imóvel. Queria ter sido qualquer coisa de extra-humano, e sentia uma sombra espessa atafalhada de encontro á boca. Porque se calava a palmeira ao pôr do sol? Quem lhe fazia mal em noites de vento? Porque chorava sempre a creadita? Ah!, a esta hei-de eu falar, ha-de entender-me porque veio do campo. Hei-de contar-lhe das serras, dos borregos e sentirei cá debaixo os seus olhitos achinesados boiarem, nostálgicos. Terei a ilusão dum companheiro, e será como se por sob o vestido de chita azul as minhas mãos lhe sentissem palpar, no sitio onde os seios vão nascer, um coração pequenino, alegre, esperto como um relógio de pulso; será como se tivesse nos braços aquele corpito vibrante porque em seu cerebro passou como rajada a visão colorida duma serra violeta, manchas de sol na grenha dum pinhal, o chocalhar distraído dum rebanho! Ah!, hei-de torna-la feliz nem que seja durante um segundo e por uma ilusão. Mas se eu não conseguí ainda viver, como posso dar-lhe a sensação da vida? Se nós somos ambos no mundo inadaptados, batidos, se ela chora porque não sabe revoltar-se, se eu me revolto porque não sei chorar, como hei-de falar-lhe á alma serrana, eu que das serras só conservo a mudez profunda em lembrança? Ergueu-se o vento e parece cair às bâtegas sôbre este poço. Muito baixo, à minha cabeça exaltada começam a chegar as falas da palmeira a bradar neste deserto de quatro palmos. O vento passa como um tufão e só agora reparo que os braços da arvore ficaram todos partidos, estorcegados...

M. C.

Os nossos assinantes que desejarem obter a 1.ª série do "Triptico", podem dirigir-se à redacção ou à Livraria da Empresa "Lumen", Editora.

Publicamos neste número, em separata, um retrato de Anatole France, gravado em madeira por João Carlos.

DIOGO de MACEDO, estatuário

O Artista é, de todos os homens, o que mais perto está de Deus pela semente de imortalidade que lança à Terra. A vida é uma continuada luta com a morte. Palpamos e sentimos a sua frialdade em tudo que nos rodeia e fugimos dela como se houvesse algum canto do mundo onde suas gélidas mãos não chegassem. A suma preocupação do homem no curto espaço da sua passagem sobre a Terra — é perpetuar-se. Procuramos, aflitivamente, deixar no mais insignificante gesto, dedadas de eternidade, sinais imprecíveis da nossa existência.

Soyez profondément, farouchement veridiques, pronuncia Rodin no testamento legado a seus discípulos. Sublime apóstrofe da boca dum moribundo! Verdadeiros, sede verdadeiros! Eis o grito do que tocou o fim e entreviu por momentos a imortalidade da sua obra profundamente verdadeira. Só a verdade não morre. Assim como a terra anda agarrada às raízes das árvores, a verdade anda prêsa ao que é eterno.

Na escultura de Diogo de Macedo arde a apóstrofe de Rodin. A verdade caminha do interior de suas imagens como se viesse do próprio regaço de Deus. A cabeça de *Antero*, flutuando numa mar de misticismo, com uns dilatados olhos que nos trespassam sem mesmo nos fitarem, foi gerada nesta infinita verdade. Mas, porquê falar aqui de Diogo de Macedo? Vi há pouco tempo alguns de seus trabalhos e, foi tamanha a impressão por eles deixada, que me sinto no dever, quanto mais não seja para comigo próprio, de traçar duas linhas sobre o Artista. Visão crítica não a tenho. Sinto o que é verdadeiro que tanto monta dizer o que é belo: e a profunda belesa pertence a todos os olhos. Às vezes penso até que ser-se senhor de tal visão é ser-se escravo da insensibilidade. O crítico assemelha-se a um deus. Descerra as palpebras e vê tudo — vê quem e além da perfeição. Anatole France, entrevendo-se por instantes Deus sente saudades da sua humanidade e exclama: *ma faiblesse m'est chère. Je tiens a mon imperfection comme a ma raison d'être*. E, na realidade assim acontece. Possuir a sabedoria das sabedorias, saber porque as flores da amendoeira são brancas e qual a essência das lágrimas, equivale a ter perdido a humana faculdade de sentir. É da nossa imperfeição que nasce a dor, mas é na dor que floresce a belesa.

Sou em crêr que a escultura é de tôdas as artes a mais humana. Criar



à nossa imagem e semelhança, pôr um coração a bater dentro do bloco dum peito, iluminar uns olhos sem sequer lhes dar luz, talhar a piedade na face imovel duma pedra — é ser-se homem e mais do que homem. Além disso o Mundo é feito de volumes. Só abstratamente existem linhas. Os corpos que nos parecem ter apenas superfície surgem-nos com três dimensões. A distância afiguram-se-nos formados por aquela extensão que os olhos vêem; mas, mal nos aproximamos, descobrimos pelo lado detraz mais alguma coisa. As mãos do escultor só criam volumes — só geram verdadeira vida. E, curioso é notar que, ainda desenhando mantém a mesma, tendência plástica. Diogo de Macedo, em seus delicados *croquis*, continúa sendo modelador e, se quizermos observar esta verdade, basta lançar a vista para os seus desenhos do «Album de Portugal».

Dêle são as *Tricanas* que aqui publicamos. Os corpinhos elevam-se do fundo como que animados e são as carnes núbéis que se agitam e contorcem na paisagem de choupos suspirosos. Tudo se eleva, tudo caminha da face lívida do papel para os nossos olhos.

Na obra de Diogo de Macedo há uma continuidade que não salta à primeira vista mas que se adivinha. Diogo de Macedo segue um caminho marcado embora insensivelmente, uma mesma mão conduz os seus trabalhos, e, ainda que por vezes se note um retorno, logo o escultor retoma o caminho iniciado deixando pela estrada o selo da sua dolorosa alma, nuns braços que se erguem para o céu, numa cabeça cheia de sofrimento que pende para a terra. Foi esta a impressão primeira que me ficou das poucas peças escultóricas que do estatuário vi: bronzes já expostos, mármore, gessos e alguns esbocetos que modela no intervalo das obras de folego com grande celeridade. Ao tratar o corpo humano, o artista imprime na carne das estátuas a vida que vem de dentro e, propositadamente talvez, esquece as

atitudes para mais realçar a humanidade.

Em seus nus não há impudor. Adivinha-se a pureza primitiva na ingenuidade das mulheres de cabeça recolhida nos braços. Tôdas são Evas em quem respeitamos nossa primeira Mãe.

O bronze, *Construtor de Catedrais*, um colosso empunhando uma pá, feriu-me pela robustez da execução. Cheia de tenacidade, esta escultura de reminiscências cubistas, realça a fortaleza de seu talento. A par disto, Diogo de Macedo, entrega-se amorosamente ao amanho do barro e seus esbocetos, dum delicioso talho, guardam a ternura das mãos criadoras. Uma teoria de figuras, a gama do amor, desde o enleio inicial ao desespero do desamor, prendeu-me saudosamente o coração, e um *São Sebastião* martirisado invocou-me o Santo de D'Annunzio morrendo entre cânticos.

Diogo de Macedo é lírico e trágico ao mesmo tempo. Pio Baroja chamar-lhe-ia *Humorista* em virtude da sua piedade soberana. Romântico já o foi e nunca o deixará de ser, embora veladamente. — Afinal todos nós somos românticos, pobre humanidade! — O seu último trabalho é talvez das suas obras mais serenas. Uma cabeça de Nun'Alvares, calva como a palma da mão, uns olhos pequenos donde sae uma chama que não se sabe se é do céu se da terra e a barba em ponta caindo sobre o hábito. É o Condestável recolhido ao silêncio do claustro, mas conservando a viveza do século. De tôdas as cabeças é esta que tem mais intenção. Inteligência bastante há na interpretação do retrato donde foi copiado. É uma das características da escultura de Diogo de Macedo a inteligência, uma subtil inteligência, penetrando tudo, virando as almas do avesso.

O talento do estatuário está consagrado. No Museu de Arte Contemporânea há já um busto saído de suas mãos, a *Niña de Velasquez*; no Museu de São Miguel de Seide, o seu *Camilo* fala baixinho para as pedras que lhe escutaram as lágrimas. Diogo de Macedo, porém, não se preocupa com estas consagrações e trabalha, continúa sempre trabalhando no desejo de atingir aquilo que ele tem a certeza de alcançar.

Propus-me falar do escultor e falei, se bem que tivesse muito da minha admiração para dizer, também, do pintor e homem de letras. Que ele me perdoe, no entanto, as palavras desacertadas que sobre a sua personalidade escrevi — elas são sinceras, e a sinceridade é meio caminho andado na senda da verdade.

JOÃO GASPAR SIMÕES.

O Calçado, assente nas patas, de trás, movia lento entre as mãos duas espinhas de peixe, que devorava regalado. Tinha à ilharga a cadela do Garrancho, côr de café com leite, atarracada, que lambia duas fôlhas de couve na borda duma tigela e olhava de revés para a *Somitega*. Era uma cadela de *fila*, especial e muito quadrada de membros, vaga parenta dos *bull-dogs*. Não pertencia a pastor nem lidava com reses por ofício — que, farta e regalada, com dono farto de rendas, passava a vida num casinholo catita de criptoméria tenra. Mas o Chórica ou os seus homens não a empataavam, se vinha, fugida como sempre, desembaraçando-se da grossa coleira de coiro com muita ginástica de cabeça.

O Chórica ou os outros — arrelivavam-se. Experimentavam escarmento com pauladas, moledos postos de rebôlo, mas ela ficava atrás, de espreita (a corsariona!), e pouco depois lá estava ao pé dos companheiros, com passos manhosos e leves. Era admirável de estampa, alta, com uma malha negra na maçã do rosto, e duas orelhas quebradas e flácidas, dum tecido corredio. Os olhos debruavam-se-lhe de listas, como veludo, eram claros e braseirosos de noite, e o pêlo do peito descia num amarelo-barro, que ela encardia nas ervas. Fora de horas, no casoto, dominando a quinta, ladrava com fúria às sombras e aos ruidos estranhos de roda. Se, perto, caracóis iam de muda para a horta, com a mochila às costas, e sôbre folhagens caídas faziam quebrar os rebordos ou rastejavam nos pedruscos, a *Somitega* baixava a cabeçorra quadrada, o lombo virgem de afagos, transpunha cautelosa o buraco da toca e lançava um berreiro pomposo, como uma buzina, muito ao largo... O sr. Sequeira, seu dono, gostava do bicho a valer, pois lhe guardava a fazenda, — que isto, os ladrões são aos centos, mariolando, e o cheiro das abóboras novas, sôbre os alpendres, é sinal certo da apanhadura de milho que atrai os larâpios em Setembro. Dava-lhe gamelas cheias de lavagens, e ossos; e duma vez, que o Joaquim Tarro saltara ao curral das bananas, porque ela o mordeu nas canelas teve ração melhor, e até rosquilhas. Pobre Tarro! Escalavrado da perna e inda por cima chamado a uma polícia, os pés sangrando de testos... A cadela era uma toira, mas tinha repentes bons, às vezes. Saltava então à esquerda e à direita, prês e cheia de júbilo, como uma papagaia loira em suja gaiola de lata. Tivera um tio podengo que dava o pé, ensinado; e, mais remotamente, em quinto grau talvez, uma prima como uma *boa* de senhora, a *Mascote*, que as meninas Sequeiras traziam no regaço e brincavam com fita ao pescoço. Isto de parentela, vagamente lhe contara a mãe, na palha fina de puérpera, quando a *Somitega* se lhe coçava às maminhas, negras como apagadeiras de capela, um pingo de cera na ponta. Nesse tempo era tenra, e a sr.^a Domitília roubava-a do chôco para as meninas depois fazerem judiarias, pondo-a de pernas ao ar, a ver-se o papo côr-de-rosa... Davam-lhe até sopas de leite, e biscoitos esmiolados. Crescera. Um dia mordeu uma visita, com fôrça. Lembrava-se. Alombara com a tranca da cozinha, puseram-lhe um açame como quem relha uma guecha e — zás! — com a fessoura de aparar as torcidas, a Domitília cortou-lhe uma mancheia de cabelo. Ficara feia, como se a tivessem pelado, e durante dias, no quarto de peneirar, lageado, fisera corropio dobrada, coçando a pele na lombeira. Bons tempos... Permitia-se então, no quarto de costura, alçar a perna inocente e inquieta, mas af por volta do ano já a expulsavam de casa, com a bengala do senhor:

— *Somitega!* Passa para a rua, cadela! Ora a fedorenta! Insistente, dormia no capacho os longos sonos mornos e às vezes rapava na porta, ou batia com o cotovelo como uma visita de cerimónia. Assim enganava a criada, que a espancava com um terrível cabo de vassoira, correndo-a escada abaixo. E eram injustos, batendo-lhe. Ela tinha fidalguia pura, galgos de rei e sambenardos mansos e ascéticos. Um avô, o *Roldão*, jogava o pau destramente, e um dia salvara um menino à bôca duma ribeira, como se fôsse a Moisés. E quando olhava, em pequena, a oleografia enorme de S. Domingos, ladricando, estimava de ver alguém da sua igualha com um archote na bôca, ao pé do pio varão de saia branca.

Quando os pastores largaram, de bordões, para apartar os toiros, assobiaram forte pelos cães, que se lançaram de gargalhão entre as ervas, sumindo os corpos na fennura. Pelo plaino ia a pastagem tosquiada e raras poças guardavam gota de água para um molhar de língua. Longa, a estrada era uma fita cortando-o, qual papagaio de rabo, grande e de papel, que cair fôsse muito longe, estiraçado. Viam-se no descente, para algares profundos, rabadas marcando compasso binário à música mugida, as galhaduras erguendo-se como estantes de côro nas reses tôdas quietas, ou então progredindo quasi em passadas de estaca, no estraço dos rebentos.

Chórica foi o primeiro a investir com o gado. Fez um rodeio largo e sorrateiro e, agachando-se, mandou o Calçado:

— Pega, cão!

Pedra de funda não partiria mais célere, a rasgo direito no ar como vergasta. De entre a manada, que fôra cerrando à laia de hoste, o *Broco* sobressaía pelo vulto redondo e bem boleado de anca. Mesmo na orelha foi que o cão se lhe filhou, e pendeu, nem chouriço. Então o Trangola avançou com a *Ligeira*, que fechou tenaz de bôca numa canela do *Broco*. O cêrco era moroso e difícil, todo de ardis para as vacas e os guechos céleres. Como era grande a manada, carecia haver fino no caminhar entre ela, geito e disfarce, como quem não quere a coisa e por fim lá se vai, a encurralar os que marcou. Ora, assucedeu que nesse dia, um pouco mais atolhado, o Chórica malhou à farta nas lombeiras com o bordão de castanho. Cada cepada, que te parto, e é que partiu sem querer, pois a *Briosa*, afrontada na suã, largou num galope doido, e foi cair, espapaçada, à ribanceira. Todos os homens deram um grito ao mesmo tempo, houve um toiro que berrou como com pena, e chegando-se à beira do valado, o Xaviel deu com a rês retorcida, um corno encabado entre pedras. Lançaram-se à uma os pastores para aquela banda, agarrando-se ao calhar. Vinha descendo do céu uma tarde leitosa e fina. Por sôbre a Serra da Praia, uma negra massa de nuvens botava a correr desordenada, deixava frangalhagens nos ligadócios dos muros, e embrulhando-se na luz viva do sol que já se punha, assomava em pequenos trapos de côr: côr de laranja, côr de vinho e rajados. O gado, que cuidadoso roía o pascigo farto, foi-se chegando para o valado, lasseiro. Eram bezerros dum pêlo lustroso, guechos de galho bem feito, calhamaças de vacas velhas com toiros na cola buliçosos.

Primos do gado de corrida, mais longe, os bezerros mansos traziam os cestos de relhar botando escuma por fóra, e pareciam anjos do céu disfarçados naquele campo com cabazinhos de lírios. As mães, bimbahantes de mojo, traziam à idea mulheres, com massa sovada a pingar leite.

— Cerca daí...

— Bás-trás!

Que pena! Aquela rica estampa da *Briosa*, irmã do Lagarto do ti Cândio, estoirada para ali sem concêrto, entre uma machuca de feito! Esperneava açodada e escorria-lhe o sangue em tornos quando o filho do Xaviel lhe pôs uma compressa de trevo na ferida maior da cabeça. Dali à morte era um passo. Que fazer? Mas o Garrancho descortinou na estrada o sr. Joãozinho que andava por li a cavalo, com quatro capotes na garupa:

— Vamos chamá-lo?

— Pois sim. Pode ser que o Padrinho inda a salve.

Escoroçoado, porém, é que o Chórica assim falou. O Trangola botou-se ao caminho e troive o homem:

— Ah, sr. Joãozinho, que isto era tal qual uma pessoa! A nossa *Briosa!*

O padrinho do Chórica traçou o capote pelos ombros e abai-xou-se. Ali à mão, para remédio, só uma gôta de aguardente que trazia num frasco no bolso. Tirou-lhe a rôlha de vidro e alagou a compressa da vaca. Ainda ficava um pingo:

— Bebe-o a gente. Sempre aquece...

— Aquela alma é que está fria gelada, meu padrinho.

Diabo do Chórica, homem como poucos, e agora a esba-goar-se de chôro que nem que mamasse ainda! Também não era dêle só, aquele poisar-se pasmado diante da rez que morria, babando-se, os grandes olhos esmorecidos como brasas com água por cima. Os outros cercavam-na também.

— Pois é verdade, meu afilhado. Vai-se-te uma cabeça bem boa...

— Vacas é o menos que falta, sr. João Mendes — opinou o gorgulho do Teotónio. — Só o sr. João de Ornelas e o Almeida têm mais duma sebe delas!

— Carece ter com quê para as mercar.

— Isso é bom para o tio e para a gente — voltou o pisco ao Trangola. — O sr. Airora é o home mais rico desta terra.

— Pois sim — disse o Chórica. — A gente é que cria amizade aos bichos...

Calaram-se. Já havia uma muralha em redol, de galhaduras baixas, tocando umas nas outras como o Finório amolando distraídamente as navalhas. Fios de baba luzindo, com as côres do Arco da Velha, pingavam melados e tristes. As vacas pareciam viúvas, de anôjo, e os bois davam ares a orfãosinhos que tivessem ficado ao desamparo, berrando e estendendo os focinhos. Foi apertando a manada e entristecendo. O sol pôs-se à procura da sua tumba roxa. E, já abalados os homens, no vir da noite mansa, quando as estrêlas começaram lá em riba a vigiar para baixo, ainda o gado era visto de vela à vaca morta, já toda coberta do sereno.

(1922).

VITORINO NEMÉSIO.

número

4

série

2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hartre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

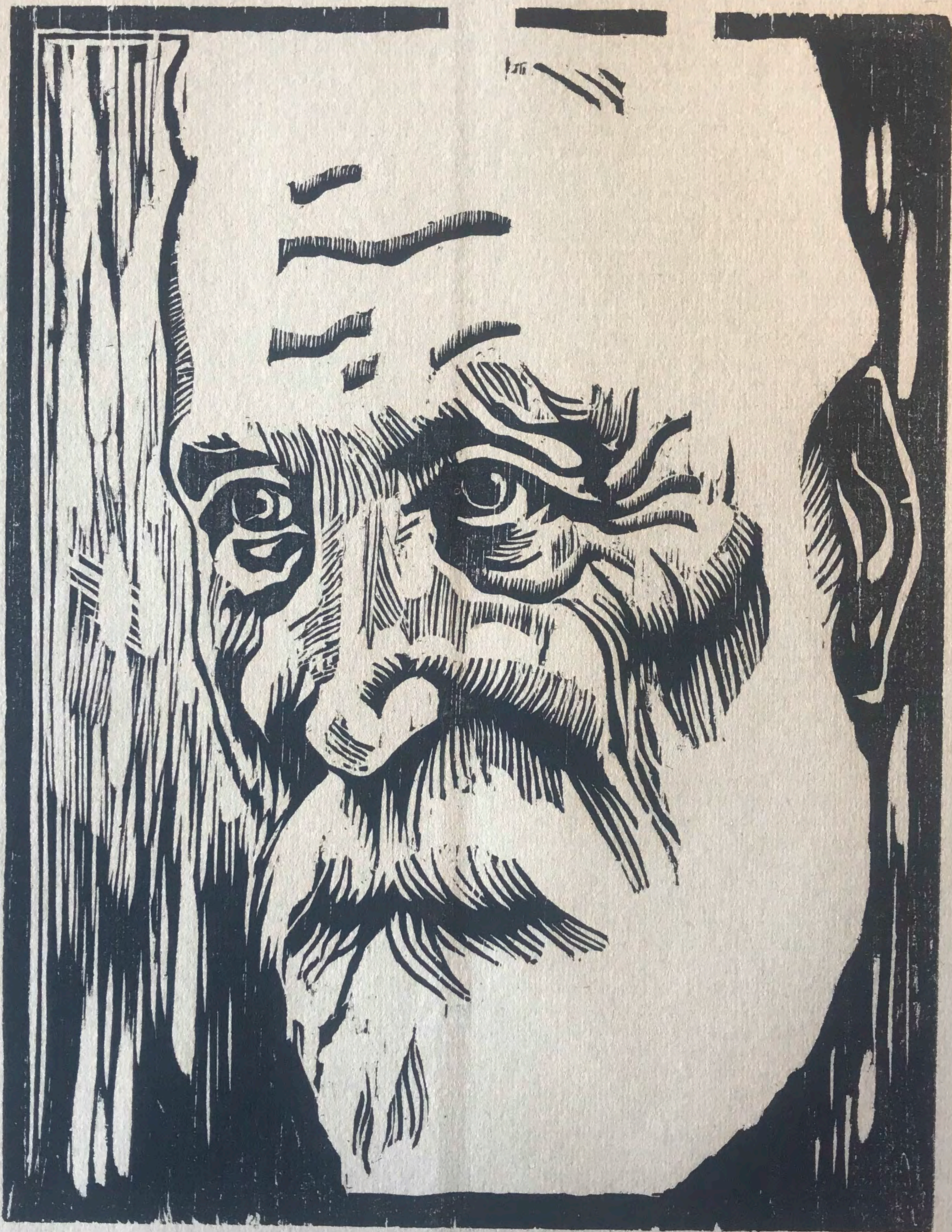
Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: R. dos Coutinhos, 3

Coimbra

15

novembro

1924



trípico

Anatole France, gravura de João Carlos (incompleta)